

Calmon de Sá diz que comitê assessor garante adesão dia 8

por Milton Coelho da Graça
de Washington

Os 14 membros do comitê assessor ("advisory committee") dos bancos credores do Brasil e os diversos coordenadores regionais deverão confirmar sua adesão à fase 2 da renegociação da dívida até o próximo dia 8, terça-feira. Além disso, o comitê está fazendo todos os esforços para conseguir até o dia 10 as respostas dos 170 maiores bancos que constituem 90% do total de recursos.

Essa informação foi dada a este jornal por Ângelo Calmon de Sá, membro do Conselho Monetário Nacional (CMN), poucos momentos depois de chegar ontem à noite a Nova York, após três encontros com cerca de 50 bancos regionais americanos (em Boston, Chicago e Dallas). Calmon de Sá foi acompanhado nesse roteiro por Castro Neiva, diretor da Área Externa do Banco do Brasil, e Carlos Eduardo de Freitas, chefe do Departamento de Operações Internacionais do Banco Central.

"Sinto que todos os banqueiros presentes apreciaram muito os encontros. Eles fizeram perguntas sobre tudo e eu senti que eles ficaram muito satisfeitos" — disse Calmon de Sá.

Embora tenha havido perguntas sobre assuntos políticos, a grande maioria delas se concentrou sobre a economia e, em particular, os números da renegociação. Houve muitas perguntas sobre as projeções do balanço de pagamentos para depois de 1984. Calmon de Sá disse também que a questão dos atrasados comerciais e os critérios de distribuição da responsabilidade pelos recursos da fase 2 também mereceram muita atenção.

REDUÇÃO DE 'SPREADS'

Um grupo de banqueiros — que Calmon de Sá estima em 10% dos participantes — mostrou-se disposto a discutir a possibilidade de uma redução dos 'spreads' (diferença acima da taxa normal de juros) pagos pelo Brasil, não só sobre os novos empréstimos, como também sobre os empréstimos antigos.

Calmon de Sá admitiu que o problema da credibilidade dos negociadores brasileiros tenha sido uma das razões de Pastore quando lhe pediu "para dar uma mão". Mas ele defendeu com veemência o papel

desempenhado por todos os negociadores, dizendo que em quase todos os casos em que os fatos não confirmaram as previsões feitas pelas autoridades brasileiras "as razões estavam do lado de fora do País, e não internamente". Ele fez questão de lembrar que em 25 de outubro de 1982 o CMN estabeleceu o objetivo de US\$

6 bilhões de saldo na balança comercial e US\$ 7 bilhões de déficit em conta corrente. "Na época todo mundo achou que isso era uma piada." Calmon de Sá afirmou que em todas as reuniões mostrou que a principal razão dos problemas na fase 1 da renegociação foi o não-cumprimento pelos credores de seus

compromissos com o projeto 4.

"RESIGNAÇÃO"

Witchard Cloutier, vice-presidente sênior do Republic Bank de Dallas (que foi o anfitrião da reunião de 12 bancos texanos), disse a este jornal que a "reunião foi muito útil e que os visitantes brasileiros procuraram responder todas as perguntas da melhor maneira possível".

Cloutier acredita que os contatos diretos com representantes do Brasil tornam os banqueiros regionais "mais à vontade" em relação a renegociação. "Acho que todos têm agora uma compreensão melhor da situação", afirmou.

Uma fonte de um dos bancos presentes à reunião de Chicago (cerca de 20, dos Estados de Ohio, Michigan e Indiana) fez, entretanto, outra avaliação, embora só tenha concordado em falar sob a condição de não ser identificada. A fonte achou que o sentimento predominante foi a "resignação" e que muitos dos banqueiros de sua área estão convencidos de que "será necessária uma ampla renegociação após a eleição de um novo presidente". Segundo a fonte, esses banqueiros acham que o FMI está apenas "remendando" a situação e em algum momento no futuro se colocará a necessidade de uma reformulação geral da questão da dívida do Brasil e de outros países.